

INTELIGÊNCIA AO FEMININO & *DONNITÀ*: CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA UMA LOGÍSTICA DO PODER FEMININO

Patrícia Azevedo Gonçalves¹

Resumo: O presente estudo explora as contribuições da Ciência Ontopsicológica para a compreensão do feminino em contextos de liderança. Partindo de conceitos contemporâneos, como empoderamento e empreendedorismo feminino, a pesquisa se concentra em quatro pilares fundamentais para o autoconhecimento e a realização de mulheres, com base nas obras *A Feminilidade como Sexo, Poder e Graça* (2013) e *Inteligência e Donnità* (2017), de Antonio Meneghetti. Por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, este texto, que se configura como um ensaio, destaca: a necessidade de autocentrar-se, a valorização da grandiosidade do poder feminino em harmonia com as forças criadoras da natureza, o cultivo da liberdade pessoal e a responsabilidade por concretização da vocação ôntica. Como síntese, propõe uma compreensão humanista do feminino, que integra poder, graça e liderança, oferecendo subsídios para a autorreflexão e o fortalecimento de mulheres em sua atuação no mundo empresarial.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino; empoderamento feminino; inteligência ao feminino; *donnità*; Ontopsicologia.

Feminine intelligence & *donnità*: contributions of Ontopsychological Science to a logistics of feminine power

Abstract: This study explores the contributions of Ontopsychological Science to understanding the feminine in leadership contexts. Drawing from contemporary concepts such as female empowerment and entrepreneurship, the research focuses on four fundamental pillars for women's self-awareness and achievement, based on Antonio Meneghetti's works *Femininity as Sex, Power, and Grace* (2013) and *Intelligence and Donnità* (2017). Through an exploratory bibliographic review, this essay emphasizes the need for self-centering, the recognition of the grandeur of feminine power in harmony with nature's creative forces, the cultivation of personal freedom, and the responsibility for realizing ontic vocation. As a synthesis, it proposes a humanistic understanding of the feminine that integrates power, grace, and leadership, offering theoretical support for self-reflection and the empowerment of women in the business world.

Keywords: female entrepreneurship; female empowerment; feminine intelligence; *donnità*; Ontopsychology.

Inteligencia femenina & *donnità*: contribuciones de la Ciencia Ontopsicológica para una logística del poder femenino

Resumen: Este estudio explora las contribuciones de la Ciencia Ontopsicológica para comprender lo femenino en contextos de liderazgo. A partir de conceptos contemporáneos como empoderamiento y emprendimiento femenino, la investigación se centra en cuatro pilares fundamentales para el autoconocimiento y la realización personal de las mujeres, basándose en las obras de Antonio Meneghetti *La Feminidad como Sexo, Poder y Gracia* (2013) e *Inteligencia y Donnità* (2017). A través de una revisión bibliográfica exploratoria, este ensayo destaca la necesidad de centrarse en uno mismo, el reconocimiento de la grandeza del poder femenino en armonía con las fuerzas creativas de la naturaleza, el cultivo de la libertad personal y la responsabilidad de concretar la vocación ôntica. Como síntesis, propone una comprensión humanista de lo femenino que integra poder, gracia y liderazgo, ofreciendo soporte teórico para la autorreflexión y el fortalecimiento de las mujeres en el ámbito empresarial.

Palabras clave: emprendimiento femenino; empoderamiento femenino; inteligencia femenina; *donnità*; Ontopsicología.

¹ Doutora em Linguística e Letras (PUCRS). E-mail: patricia.goncalves87@edu.pucrs.br.

1 Motivações Iniciais

“algumas palavras ‘encontram dentro’,
mesmo onde não se é consciente,
e *sacodem*,
reativam,
compelem
a fazer as contas consigo mesmo e com a vida”
(Caronetuto, 2013, p. 20, grifos meus).

O primeiro contato, o primeiro impacto quando nos aproximamos ou somos atravessados por uma nova perspectiva, filosofia de vida ou proposta científica que faz sentido, que reverbera em nós, é sempre marcante, desafiador, mas, acima de tudo, transformador. Deparar-se com uma visão que desacomoda certezas, que recategoriza aspectos consolidados, que nos mostra que ainda não compreendemos de fato a totalidade da vida, que não tocamos o real e que não conhecemos a nós mesmos faz tudo mudar, funda uma nova existência.

Acredito que todos aqueles que se deixaram interpelar e responderam com responsabilidade e protagonismo ao que propõe a Ontopsicologia se lançam em uma nova estrada, que não somente problematiza e clarifica todas as dinâmicas e ações que não nos são funcionais, mas que também nos abre infinitas possibilidades de construir a nós mesmos e a vida que desejamos ter, em fidelidade àquilo que somos: “A Ontopsicologia possui um método capaz de resgatar o mais profundo essencial do ser humano, que faz o elo com a totalidade da vida, para caminhar em unicidade ao verdadeiro que se é, a alma e seus desdobramentos” (Gonçalves; Chikota, 2023, p. 118).

Muito mais profundo, penso eu, é o impacto ao nos depararmos com a singularidade do que propõe a Ciência

Ontopsicológica acerca do feminino, numa visão que afronta questões sérias como a psicologia negativa, o complexo materno, os arquétipos, a vivência e manutenção de estereótipos sociais etc.; mas que também responsabiliza e traz luzes, pois compreende a mulher em toda sua complexidade e potência, sem permitir-lhe um papel vitimista ou de menor importância.

A inteligência feminina possui passagens desconhecidas à dedutiva inteligência masculina. [...] Até hoje, tradição, história e cultura colheram a *donnità* como semelhança ao modelo masculino. Em vez disso, a *donnità*, na percepção ontopsicológica, é inteligência diversa e sempre complementar àquela masculina. [...] é um colher a mulher fora do seu papel e composto biológico. Trata-se de reconhecê-la no seu específico *a priori* de inteligência e ação (Meneghetti, 2017, p. 12).

Diante da riqueza epistemológica deste quadro teórico que, acima de tudo, é prático existencial (Accorsi, 2023), objetivo, neste estudo, *realizar uma síntese das contribuições da Ciência Ontopsicológica para uma arquitetura do real feminino em sua dimensão liderística*. Assim, partindo da compreensão de conceitos contemporâneos como “empoderamento feminino” e “empreendedorismo feminino”, busco elencar *quatro questões fundamentais* para mulheres que buscam compreender-se e potencializar seu agir e realizar, a partir de duas obras de Antonio Meneghetti, *A Feminilidade como Sexo, Poder e Graça* (2013a) e *Inteligência e Donnità* (2017), em diálogo com outros textos do autor.

Por meio de uma *revisão bibliográfica exploratória*, que buscou pôr em tela as contribuições da Ontopsicologia acerca da “inteligência ao feminino”, este texto foi organizado como um *ensaio*, que se subdivide

da seguinte forma. Além desta introdução, onde apresento as motivações para esta pesquisa, temos uma seção na qual são apresentadas as premissas históricas para a compreensão dos termos “empreendedorismo” e “empoderamento feminino”. Depois, na seção principal, buscou-se categorizar as contribuições da Ontopsicologia para a temática da inteligência ao feminino em contextos de liderança, por meio de quatro questões/relações fundamentais: heterorreferência; assistencialismo e escopo econômico; autonomia e liberdade; decisão pelo sucesso. Por fim, apresento a síntese desta leitura, seguida das referências que sustentaram as reflexões aqui expostas.

2 Algumas Premissas

“O Em Si ôntico não ama nenhuma teoria definitiva”
(Meneghetti, 2021a, p. 45).

O conceito de “empoderamento feminino” ganhou maior difusão na década de 1980 – embora a reflexão de fundo remonte a períodos históricos muito anteriores. Oriundo da palavra *empowerment* do inglês, o termo evoca a concessão de poder ou autoridade, em um processo pelo qual indivíduos adquirem o controle sobre suas vidas e circunstâncias. Sua emergência se deu principalmente no contexto dos movimentos feministas e em debates sobre desenvolvimento, justiça social e direitos humanos, alinhados, muitas vezes, a uma visão social/ideológica de esquerda.

Na primeira acepção, o empoderamento perpassa diversos âmbitos da libertação das mulheres: a emancipação diante do poder patriarcal, a possibilidade de autodeterminação, o fim das violências de gênero. Já relacionando-se à discussão acerca

de formas de resistência e tomada de consciência de opressões enfrentadas, tem por premissa a existência de grupos que são marginalizados pela sociedade orquestrada pelo sistema capitalista. Nesse viés, portanto, tem-se uma compreensão do empoderamento não somente relacionado à autonomia pessoal, mas também a oportunidades e poder de influência sobre estruturas sociais e políticas (Jonathan; Silva, 2007; Martins, 2019).

Longe de uma visão integradora, esbarramos nas limitações ou do feminismo, enquanto movimento teórico e ideológico, que advoga direitos relativos a determinados papéis sociais; ou nos reducionismos de determinados posicionamentos religiosos, que propõem um resgate da feminilidade, mas apenas como imposição moral ou determinismo biológico – sem oportunizar à mulher uma profunda experiência de si mesma, o que pode levá-la ao perigo de “não fazer o jogo da vida e acomodar-se na ideologia” (Meneghetti, 2013a, p. 381).

Tal lacuna só será superada por meio de uma visão humanista – “O humanismo perene não tem como base ideologias ou movimentos sociais preestabelecidos. A forma constituinte do humano se move segundo uma ordem dentro da qual nascem as pessoas” (Vidor, 2021, p. 96) –, numa compreensão que conjuga o real da existência e o transcendental do ser (Meneghetti, 2015): somos infinitamente mais do que nossa realização biológica e histórica.

Como ponto de partida para esta reflexão, também considerou-se o emprego do termo (bastante em voga) “empreendedorismo feminino”, o qual, também, pode ser compreendido a partir de dois enfoques: (i) aquele que visa “contribuir com a inclusão

econômica de mulheres em situação de vulnerabilidade social, proporcionando liberdade de decisão e independência financeira” (IRME, 2019), o qual se direciona ao empreendedorismo feminino enquanto meio de ascensão social; complementação econômica para mulheres de baixa renda, em contexto de desemprego ou emprego informal; atividade a ser conciliada com a maternidade e funções de cuidadora de membros da família, por exemplo; ou (ii) aquele que propõe modelos de gestão numa visão de liderança feminina enquanto particularidade, potencialidade, debruçando-se sobre trajetórias de mulheres líderes que estão à frente ou fundaram empresas mais consolidadas ou com maior capital inicial.

A liderança feminina, quando inserida nas empresas, possui uma capacidade de promover uma transformação no negócio, complementando com visões novas as decisões estratégicas para o desenvolvimento do negócio. Essa troca de perspectivas afirma a relevância do empreendedorismo feminino para o amadurecimento da sociedade, dos negócios e do sistema econômico (SEBRAE, 2022, p. 4).

Em 2016, a ONU Mulheres Brasil, em parceria com a Rede Brasileira do Pacto Global, lançou o documento *Princípios de empoderamento das mulheres*, com o lema “Igualdade significa, de fato, negócios” (ONU Mulheres Brasil, 2016, p. 5), no qual propõe um roteiro com sete ações a serem realizadas em contexto profissional:

1. Estabelecer liderança corporativa de alto nível para a igualdade de gênero;
2. Tratar todos os homens e mulheres de forma justa no trabalho – respeitar e apoiar os direitos humanos e a não discriminação;
3. Garantir a saúde, a segurança e o bem-estar de todos os trabalhadores e as trabalhadoras;

4. Promover a educação, a formação e o desenvolvimento profissional das mulheres;
5. Implementar o desenvolvimento empresarial e as práticas da cadeia de suprimentos e de *marketing* que empoderem as mulheres;
6. Promover a igualdade através de iniciativas e defesa comunitária;
7. Mediar e publicar os progressos para alcançar a igualdade de gênero (ONU Mulheres, 2016, p. 3).

O documento destaca a importância de um compromisso *institucional* com a igualdade de gênero, considerando o avanço da equidade não apenas como uma questão de justiça social, mas também de oportunidade econômica; pois, ao adotar essas diretrizes, as empresas não só promovem um ambiente mais justo, como fomentam o empreendedorismo feminino, a diversidade e a multiplicação de iniciativas dessa natureza.

Por fim, realizando uma breve pesquisa em vetores de busca *online*, encontramos diversos artigos (não acadêmicos) que compartilham dicas/*insights* sobre ações/posturas a serem realizadas por mulheres em funções de liderança, como a relação a seguir, proposta pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2024), intitulada *10 características de uma empreendedora de sucesso*:

1. Ter iniciativa e buscar oportunidades.
2. Ser persistente.
3. Correr riscos calculados.
4. Exigir qualidade no negócio.
5. Ter comprometimento.
6. Estudar muito.
7. Estabelecer metas.
8. Criar sistemas de monitoramento.
9. Ter uma ampla rede de contatos.
10. Ter autoconfiança.

Como é possível vislumbrar nessa visada acerca do tema, muitas das propostas de compreensão e melhoria de condições no contexto profissional colocam a nós, mulheres:

por vezes, em uma situação de inferioridade e impotência; por vezes, num “xadrez social” em que somos somente mais uma peça diante do *status quo*. Dificilmente, vemos uma reflexão que coloque o ser humano mulher realmente no centro: seja para discutir o que é de fato esta fenomenologia do *ser mulher*, problematizando se existe realmente um *modus operandi* único que justifique o emprego do adjetivo “feminino” ao se pensar o empreendedorismo, por exemplo; seja para responsabilizar a mulher pela construção de seu próprio sucesso.

Logo, diante destas inquietações, busco, na seção seguinte, elencar *quatro questões fundamentais* extraídas das obras de Antonio Meneghetti que tematizam a *inteligência ao feminino* e que podem contribuir para o autoconhecimento e crescimento da mulher líder.

3 Contribuições da Ciência Ontopsicológica para uma logística do poder feminino

3.1 O problema da heterorreferência

“A cultura, a religião, a moral,
a sociedade são uma coisa,
a natureza é outra.

Trata-se de chegar ao conceito de qual é
a natureza íntima e verdadeira de *ser mulher*”
(Meneghetti, 2013a, p. 128,
grifos meus).

A Ontopsicologia apresenta a heterorreferência como um dos principais entraves ao pleno desenvolvimento e realização. Com frequência, cada um de nós se preocupa “mais em obter a aceitação de si mesmo pelos outros do que se tornar o inventor de si mesmo” (Vidor, 2021, p. 18), buscando a validação e o sentido da própria existência em padrões, expectativas e modelos

externos ao nosso Em Si ôntico. Tal dinâmica gera um ciclo de dependência emocional. A esse respeito, Vidor (2013, p. 94) afirma: “sempre que o aspecto afetivo prevalece e se impõe sobre o discernimento inteligente, acontece um bloqueio evolutivo da pessoa”. Portanto, como tarefa fundamental, como “dever dos deveres” (Meneghetti, 2019, p. 15) de todos – mas principalmente à mulher que se propõe a uma estrada de liderança – tem-se a busca pelo autoconhecimento, a fim de individuar aquilo que lhe é intrínseco, o que está em profunda coerência com sua natureza.

A heterorreferência pode ser especialmente problemática para as mulheres, que enfrentam desafios específicos na busca de sua identidade. Como aponta Carotenuto (2013, p. 24, grifo meu), muitas vezes, “as mulheres, quando querem demonstrar que são iguais aos homens, comportam-se *como eles*, negando de fato as suas peculiaridades”. Tal postura aliena o feminino de sua essência – “a mulher, por incapacidade ou por medo, nunca soube exprimir e definir a própria individualidade e, toda vez que tentou identificar-se nos modelos epistemológicos² do homem, *colheu-se estranha*” (Meneghetti, 2013a, p. 46, grifo meu) – e também reforça padrões de comportamento que colocam a mulher sempre *em relação a* um outro, seja para *combatê-lo*, seja para *vitimizar-se diante dele*.

Para a Ontopsicologia, ciência cujo conhecimento elementar visa “impostar o sujeito humano em contato consciente e operativo com o mundo-da-vida” para levá-lo à realização individual e integral (Meneghetti,

² O autor discute essa questão também como problematização das ciências anteriores à Ontopsicologia e do próprio fazer científico das mulheres, cuja reflexão e investigação não culminou numa compreensão profunda e resolutive do feminino.

2021c, p. 201), não se trata de afirmar a superioridade de um gênero sobre o outro, mas de reconhecer a complementaridade das formas de manifestação do ser humano. A inteligência, segundo Carotenuto (2013, p. 24-25), “não é nem masculina nem feminina”, mas se expressa de modos distintos, que “dão origem a percursos diferentes, complementares”. Trata-se da grande inteligência da vida em fenomenologias, em exceções, que enriquecem e fazem progresso: “A vida quer a bilocalidade, a bipolaridade, cada um segundo a própria essência e depois em dialética progressiva” (Meneghetti, 2017, p. 45).

Logo, não há uma inferioridade a ser combatida ou enfrentada. A dificuldade está em que, historicamente, as mulheres foram condicionadas e continuam a perpetuar papéis que privilegiam aspectos biológicos e familiares em detrimento de sua individualidade: “A mulher não consegue obter um sucesso real, de liderança, *porque joga sempre o papel do feminino segundo o passado*” (Meneghetti, 2013a, p. 130, grifo do autor). Assim, Meneghetti (2013a, p. 43) observa que, ao longo da história, a mulher tem sido vista “como sexo, como produtora, como mãe dos filhos” e não como “espírito, como mente, como pessoa”. Diante de tal determinismo biológico, sim, é que a mulher deve se responsabilizar.

Esse desvio estrutural, que Meneghetti (2013a, p. 32) chama de “desvio da linearidade do crescimento na mulher”, reflete-se em escolhas que frequentemente priorizam o coletivo em detrimento do individual. A dedicação exclusiva à família é um exemplo a ser considerado: nas palavras do autor, a mulher se “enterra biologicamente nela”

(Meneghetti, 2021b, p. 153), esquecendo de que a família, embora importante, é um escopo relativo, não absoluto: “Quando você coloca no seu caminho interior a *necessidade* de estar junto com a sua esposa, com o seu marido, com os seus filhos, então já existe uma *contradição*” (Meneghetti, 2013a, p. 185, grifos meus). Utiliza-se a família como alibi, como fim último. A consciência disso é libertadora, pois permite que a mulher resgate o “primado de si mesma como espírito” (Meneghetti, 2013a, p. 185): muito antes de ser mãe, esposa, filha, *a mulher é*.

Consequentemente, a superação da heterorreferência exige uma tomada de consciência profunda e, sobretudo, uma ação, uma decisão por si mesma. Para Meneghetti (2013a, p. 129, grifo meu), a mulher frequentemente “atua um exercício crítico de conhecimento superior, *mas não decide*, não coloca o ato da vontade e da coerência”. Essa hesitação compromete a possibilidade de realizar sua autonomia, construir seu projeto e contribuir de forma plena e singular para a sociedade.

Meneghetti (2021a, p. 53) defende que “há um tempo em que é preciso pensar de modo sublime apenas em si mesmo”. Esse movimento de egoísmo sadio parte do reconhecimento da necessidade de autodescoberta e da construção de uma identidade autônoma. Quando a mulher se conecta com seu núcleo ontológico e abandona padrões preestabelecidos, torna-se capaz de transformar o ambiente ao seu redor, introduzindo, como o autor afirma, semânticas revitalizantes em seu ambiente: “A mulher deve conscientizar esse seu aspecto: uma vez autêntica em si mesma, é também geradora de

contínua ação de vida” (Meneghetti, 2013a, p. 111).

Assim, ao problematizar a questão da heterorreferência, a Ontopsicologia propõe um caminho de emancipação que transcende os papéis históricos e culturais num voltar-se para si mesma. Tal percurso não nega a importância dos vínculos, mas prioriza o florescimento da singularidade e da liberdade de ser. Trata-se, como Meneghetti (2013a, p. 196, grifo meu) conclui, de reconhecer que “a família não é tudo, nem o máximo que se pode obter, *é somente um dos tantos jogos*” da existência. A realização plena está em tornar-se pessoa, autêntica e criadora, resgatando a essência do que significa existir: “O absoluto é ser alma, ser uma história no mundo para atuar a possibilidade de fazer criação” (Meneghetti, 2013a, p. 43).

3.2 A renúncia ao assistencialismo e o escopo econômico

“É uma questão de consciência:
a mulher está atrasada no
compreender a sua grandeza”
(Meneghetti, 2013a, p. 81, grifo meu).

A perspectiva ontopsicológica sobre a inteligência ao feminino propõe uma ruptura radical com o paradigma assistencialista. Sob essa ótica, o indivíduo – seja homem ou mulher – é chamado a assumir integralmente a responsabilidade pela própria existência: “Cada indivíduo é exigido, por natureza, a assumir a responsabilidade de autossuficiência e responder pelos próprios dotes [...]. Ninguém tem o direito de subtrair-se da própria responsabilidade” (Vidor, 2021, p. 97). Esse princípio demanda um reconhecimento profundo do potencial humano e um fruir da

liberdade que é consequencial a esse conhecimento.

Para a mulher, isso significa transcender as expectativas externas e o senso de dependência que, muitas vezes, erroneamente, permeiam sua trajetória. Como Meneghetti (2013, p. 39) adverte: “a mulher não pode ser salva por ninguém, deve simplesmente compreender a si mesma”. Assim, sua “salvação” não reside em terceiros, mas na capacidade de olhar para si com honestidade, agindo com os recursos disponíveis e buscando conquistar aquilo que lhe proporcionará autonomia, endereçando-se para o futuro, não para um passado condicionante:

Cada um deve procurar realizar com os meios que tem, olhar as cartas que restaram e fazer bons contratos entre si e si mesmo, entre si e o ambiente, entre si e os próprios filhos, entre si e o amor, entre si e o banco etc. É inútil pensar no tempo perdido e nas coisas que se podia fazer (Meneghetti, 2013b, p. 33).

Permanecer presa ao passado, alimentando ressentimentos ou idealizando o que poderia ter sido peremptoriamente é uma postura falimentar: “enquanto permaneço na sentinela do meu passado, fico indigno da vida, e qualquer escolha é um *mover-se de coviões no fundo de uma fossa que compreende também o meu cadáver*” (Meneghetti, 2015, p. 116, grifo meu) – vemos quão forte é a imagem construída pelo professor para materializar tal estado de paralisia, tal condenação autoimposta.

Ao avançar nesse construir a si mesma e à vida que almeja, evidentemente, surgirão desafios, contextos com os quais a mulher talvez não tenha se deparado antes ou não tenha precisado lidar sozinha. Essas situações não devem, contudo, ser encaradas como barreiras intransponíveis, mas sim como

oportunidades de protagonismo e alargamento da própria inteligência: “o problema deve ser entendido: é uma chave que conduz a uma estrada. Portanto, não é preciso brigar com os próprios problemas, porque dentro de cada problema há *um pacote de providência*” (Meneghetti, 2013b, p. 34, grifo meu). Isso não significa que a mulher não deva utilizar todos os recursos ou mesmo algum auxílio pontual, temporário; significa não perder de vista que seus esforços devem culminar numa autonomia plena, liberdade total, pois depender de terceiros implica estar condicionada, cerceada em suas escolhas e decisões.

Como aponta Meneghetti (2013a, p. 144), o grande desafio da mulher é experimentar a sensação de “eu sou minha”, um estado de pertencimento a si mesma, que transcende os condicionamentos sociais e culturais impostos. Esse processo requer um reprimatizar-se, uma reconexão com sua essência anterior às frustrações, capaz de conduzi-la a uma vida mais autêntica e realizadora.

Ainda a esse respeito, é necessário que a mulher transforme seu ambiente em um reflexo de sua identidade: “É importante que as próprias coisas sejam representativas de sua eficiência” (Meneghetti, 2021b, p. 69), pois um espaço favorável contribuirá para o florescimento das capacidades necessárias para lhe levar além (Meneghetti, 2021a). Assim, é preciso selecionar ambientes e pessoas, gerenciar seu tempo e seus recursos de modo inteligente, útil, funcional, tendo por critério de avaliação seu interesse ôntico: “o critério de verificação não deve ser deduzido pelo dogmatismo ou doxa societária, mas é aquele ôntico, a relação em si, o objeto em si, isso faz a diferença” (Meneghetti, 2017, p. 125).

Por fim, a renúncia ao assistencialismo exige uma postura ativa e construtiva. Para superar desigualdades, não basta condenar o outro – neste caso, o homem – ou delegar responsabilidades. É necessário que a mulher se torne protagonista de sua história: “Portanto, continuar a condenar o homem, como faz o mundo feminista, é equivocado: em vez de pedir ao homem, por que a mulher não começa a fazer em primeira pessoa?” (Meneghetti, 2017, p. 43). Assim, o único caminho para a autorrealização está no reconhecimento da responsabilidade pessoal (não da família, não da sociedade, não do governo) em construir os meios para uma existência autônoma e significativa.

3.3 Autonomia e “liberdade de libertação”

“Ela mesma é um resultado histórico, consciente, um elaborado de educação. Construiu-se, *autogerou-se*, não é filha de nenhuma mãe e de nenhum pai, é filha de si mesma e é onipresente, no seu modo de ser, quando se faz sorriso, se faz agradável ou se faz perigosamente determinante” (Meneghetti, 2013a, p. 293, grifo meu).

Na Ontopsicologia, a liberdade não é apenas um direito inerente, mas uma conquista consciente e ativa. Esse processo de libertação exige que o indivíduo se mova além das imposições externas e internalize a capacidade de decidir segundo sua essência: somente na autenticidade há liberdade (Meneghetti, 2015). Para as mulheres inseridas no mundo do empreendedorismo, isso implica não apenas ocupar espaços produtivos, mas também superar a tendência de conformar-se aos padrões sociais. Como observa Carotenuto (2013, p. 24), muitas mulheres, “mesmo sendo inseridas ativamente na vida produtiva, social e política, não fazem nada para se tornarem realmente ‘livres’”. O empreendedorismo, nesse contexto, emerge como um campo de

possibilidades para a construção de autonomia, autenticidade e criatividade.

A liberdade feminina está diretamente conectada à capacidade de atuar na sociedade sem perder sua individualidade. Meneghetti (2013a, p. 134, grifos meus) propõe que a mulher deve aprender a “ser *na* sociedade sem ser *da* sociedade”, evitando a absorção acrítica de valores externos que possam anulá-la. Essa postura implica pensar e agir em coerência com nosso *Em Si* e não movidos por estereótipos, como ressalta Meneghetti (2013b, p. 15): “Pensar ou conscientizar por como somos, e não viver por como acreditamos”. No empreendedorismo, isso significa intuir e criar projetos alinhados à sua vocação ôntica, cultivando soluções que não apenas gerem prosperidade, mas que também respeitem e ampliem sua identidade.

Segundo Meneghetti (2013a, p. 110), “a grandeza, a dignidade, o crescimento, a resposta à criação, a colaboração com a vida, se tem somente no âmbito da liberdade, mas a liberdade deve ser conquistada”. Ao pensarmos o lugar do feminino na contemporaneidade, essa conquista se dá ao vencer barreiras culturais, econômicas e psicológicas, demonstrando que a mulher não precisa apenas participar das estruturas existentes, mas também pode transformar essas estruturas a partir de sua perspectiva única. Esse processo exige, contudo, uma escolha consciente das circunstâncias que favorecem sua realização, pois “a liberdade se alimenta na diversidade, porém, em cada situação a individuação deve intuir o que lhe é condizente, para não se expor ao risco da própria anulação” (Vidor, 2013, p. 74). A conquista da liberdade, portanto, tem como ponto de partida o reconhecimento e a

realização da potência criativa da mulher tanto para transformar sua realidade, quanto para se reafirmar como uma pessoa integral e autônoma, sendo protagonista de sua história a fim de alcançar a plena realização.

Por fim, é importante considerar que, na perspectiva da Ontopsicologia, a liberdade é compreendida em dimensão metafísica: não se trata simplesmente de ser livre quanto aos meios materiais, geográfico ou jurídicos, ou em um sentido infantil de ausência de responsabilidades; mas sim de uma liberdade profunda do *Eu lógico histórico*. A Liberdade, nesta compreensão, é multidirecional: liberdade de decisão, de pensamento, de autodeterminação, liberdade de posicionar-se existencialmente além das relações familísticas, além dos vínculos societários. Trata-se da Liberdade que o indivíduo tem de se colocar num lugar único, de vivenciar profunda e autenticamente a sua *ecceidade*.

3.4 A decisão pelo sucesso

“A mulher líder como colaboradora do *Ser*”
(Meneghetti, 2013a, p. 326).

O sucesso pode ser definido como o resultado de decisões constantes que aliam a autenticidade ao protagonismo. Esse conceito é especialmente pertinente às mulheres que escolhem o caminho da liderança, onde o desafio não é apenas atingir objetivos externos, mas superar estereótipos e complexos a fim de agir segundo a intencionalidade ôntica, posto que “O líder formaliza sua essência naquilo que constrói. É sempre o íntimo invisível de si mesmo que constrói as grandes realizações do externo” (Accorsi, 2023, p. 190).

Portanto, para alcançar o sucesso, é necessário abandonar a conformidade com o

mediano social e reconhecer o potencial único de cada indivíduo. Segundo Vidor (2013, p. 60), “o valor único de cada um é intransferível e, em seu ponto de partida, é um projeto potencial que não pode conformar-se a uma mediocridade social”. Essa busca pela autenticidade configura-se como tensão ontológica, descrita por Meneghetti (2015, p. 29) como a “fome inquieta do mais ser, jamais aquiescência ao existido”. No empreendedorismo feminino, isso implica não apenas começar projetos, mas desenvolvê-los com persistência e decisão. Como alerta o autor: “quando uma mulher está sempre começando novamente, não se desenvolve e não realiza nunca a si mesma” (Meneghetti, 2013a, p. 120). Logo, podemos considerar que o *empoderamento* feminino começa exatamente na consciência de nossa unicidade e na “contínua responsabilização pelo nosso valor” (Accorsi, 2023, p. 190). Isto é, embora sejam necessários uma constante atualização acerca de seu *business* e o aperfeiçoamento técnico em sua área de atuação, a mulher precisa conscientizar sua força e preparo: neste aqui-agora, já dispõe de recursos e características que lhe permitem a construção e manutenção de seu projeto.

A decisão, nessa perspectiva, é inadiável e intransferível. Meneghetti (2015) destaca que não é possível evadir-se do instante decisional, pois é nele que a mulher encontra a força para transformar sua realidade. A decisão de triunfar no empreendedorismo, portanto, não é apenas técnica, mas existencial. Quando a mulher está plenamente decidida, “ninguém a detém, porque distribuiu uma força que pertence à vida” (Meneghetti, 2017, p. 43). Ou seja, essa força feminina é um dom da natureza, algo dado; mas é também um estado

de graça e poder a ser vivenciado como consequência de escolhas acertadas e do miricismo com que edifica seu dia a dia:

A partir do momento em que a mulher está centrada no seu Em Si ôntico, realiza a sinergia, ou unidade de ação, entre ser e conhecimento (conhece como é) e pode fazer o que quiser. Quando alcança a identidade de ser e consciência, a mulher é líder, coordenadora, reguladora de realidade, portanto pode impostar o mundo e as relações (Meneghetti, 2013a, p. 247).

Como observa Vidor (2013, p. 59), o sucesso verdadeiro exige “superar com dignidade as imposições externas”, promovendo a regeneração social por meio da excelência, ou, como o autor coloca, “do sucesso dos melhores”. Assim, o empreendedorismo feminino se torna um meio para que a mulher manifeste sua singularidade, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico.

Portanto, na Ontopsicologia, o sucesso, em termos de liderança feminina, não só é um objetivo econômico, como também um ato de autoafirmação e liberdade. Ele exige que a mulher esteja alinhada com seu interesse ôntico, superando distrações externas e internas que a desviem de sua realização integral. Ao decidir pelo sucesso, ela se posiciona como uma agente transformadora, contribuindo não apenas para seu próprio crescimento, mas para a regeneração de uma sociedade que valoriza a autenticidade e a excelência.

4 A Título de Síntese

Ao participar de formações e eventos cujos títulos envolviam a expressão *empreendedorismo feminino*, quantas foram as vezes em que me decepcionei ao dar-me conta

de que as discussões giravam sempre em torno dos mesmos tópicos – a mulher em sua jornada dupla (trabalho *versus* atividades domésticas, carreira *versus* maternidade) ou a falta de incentivos externos (cotas, descontos, formações específicas) – e nunca sobre o real potencial de inteligência, realização e inovação a ser materializado pela mulher a partir do que lhe é intrínseco. Perdi a conta dos momentos em que, ao observar esses ambientes ocupados por mulheres que, ou buscavam umas nas outras autopiedade, ou acusavam a família ou a sociedade de as não valorizar, me exasperava pensar que, enquanto estávamos ali “perdendo tempo”, podíamos estar, tal como tantos grupos e *masterminds* de empresários, construindo estratégias, compartilhando conhecimentos, explorando nossa criatividade para a construção de prosperidade, liberdade e realização. Ainda hoje, a mulher empresária, empreendedora dispense tempo e energia a discutir e se contrapor a amarras que já deveriam ter sido superadas, a papéis sociais que não precisam mais ser sustentados. Logo, é preciso avançar em capacidade técnica, em estilo de vida, em exatidão.

A Ontopsicologia destaca que a mulher empreendedora não é definida por seu papel biológico ou social, mas pela inteligência administrativa que manifesta ao enfrentar desafios e transformar problemas em soluções criativas. Nesse sentido, “quando se houve uma mulher líder falar, não se houve a ‘fêmea’, mas sim a inteligência administrativa, ou seja, é uma mente que está dentro do problema” (Meneghetti, 2013a, p. 326). Essa inteligência feminina, contudo, não é um dado estático; ela é cultivada, defendida e demonstrada em cada decisão acertada e centrada em si mesma (Meneghetti, 2017).

Logo, o empreendedorismo feminino transcende a busca por resultados econômicos: é o palco onde a mulher expressa sua capacidade de ação vencedora. Essa jornada exige o enfrentamento constante da responsabilidade pelo próprio sucesso. Meneghetti (2013a, p. 128) nos provoca ao perguntar: “Tive algum infortúnio ou desgraça real pela qual não era possível vencer?”. Esse questionamento deve ser feito constantemente por cada mulher como um convite à superação, à reconstrução contínua de seu potencial, que se amplia ou diminui a cada decisão e ação.

Como eco pessoal das reflexões apresentadas, também fica a necessidade de ressignificar as experiências que marcaram a trajetória de cada uma de nós. Reconhecer que “a vida não é uma opinião, é o resultado prático da identidade” (Meneghetti, 2013b, p. 55) é transformador, pois revela a potência da coerência interna e do egoísmo sadio como ferramentas de autodeterminação e crescimento.

O substantivo *empoderamento*, por sua vez, tem origem no verbo *empoderar*: ato ou efeito de dar ou adquirir poder. Numa digressão gramatical, este verbo só pode ser conjugado em primeira pessoa: o empoderamento feminino deve ser o poder conquistado, conscientizado, vivido *pela* mulher; dado a ela *por* si mesma e *para* si mesma. Assim, o empoderamento feminino, sob a ótica da Ontopsicologia, é também uma *pedagogia*. Como afirma Meneghetti (2013a, p. 196 e p. 416): “A beleza e a graça existem, mas existe uma pedagogia para chegar lá”, em um “inventar cotidianamente a ação específica, adequada àquele ponto que para si mesmo é crescimento”. A mulher, portanto, não pode esperar por algum agente ou fator externo que

a leve à realização, deve aprender a autogerar-se.

Dessa leitura inicial das obras de Antonio Meneghetti acerca da feminilidade ou da *inteligência ao feminino*, como o ator coloca, ficam como síntese: a consciência da necessidade de autocentrar-se; a compreensão da grandiosidade do projeto mulher frente à força da natureza, que com ela compartilha características como o poder de criação e autorregeneração; a importância do cultivo da própria Liberdade; e a profunda responsabilidade pela materialização de nossa vocação ôntica, por meio de uma decisão efetiva pelo sucesso.

Referências

ACCORSI, Ângelo. **Self skills**: a chave para a liderança. São Paulo: Literare Books Internacional, 2023.

CAROTENUTO, Margherita. Prefácio. In: MENEGHETTI, Antonio. **A feminilidade como sexo, poder e graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013. p. 19-27.

CARREIRA, Suely Silva *et al.* Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **Navus**: Revista de Gestão e Tecnologia, v. 5, n. 2, p. 6-13, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3504/350450617002.pdf>. Acesso em: 03 out. 2024.

GONÇALVES, Ana Regina Acosta; CHIKOTA, Horácio Shigueru. A função do corpo nos modos de percepção e conhecimento em Ontopsicologia. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Restinga Sêca, v. 3, n. 4, p. 117-138, dez. 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/80/74>. Acesso em: 04 nov. 2024.

INSTITUTO REDE MULHER
EMPREENDEDORA (IRME).

Empreendedorismo no Brasil: um recorte de gênero: pesquisa 2019. São Paulo: IRME, 2019. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/24675/1571769199Ebook_Pesquisa_Rme_2019.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

INSTITUTO REDE MULHER
EMPREENDEDORA (IRME). **Sobre nós**. [2024]. Disponível em: <https://institutorme.org.br/sobre/sobre-nos/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, Taíssa. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 77-84, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LPJhbkH3T9yWLxYkhFxsMSf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. A busca pelo empoderamento feminino ao longo da história e Coco Chanel como ícone das mudanças na vida da mulher do século XX. **Revista Online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 2, p. 401-422, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/12528/8264>. Acesso em: 01 out. 2024.

MENEGHETTI, Antonio. **A beleza como valor para o humano**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021a.

MENEGHETTI, Antonio. **A feminilidade como sexo, poder e graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **A riqueza como arte de ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021b.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021c.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia ontopsiológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, Antonio. **Inteligência e Donnità**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: em busca da Alma**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

ONU MULHERES BRASIL. **Princípios de empoderamento das mulheres**. Brasília, DF: Casa das Nações Unidas do Brasil, 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

SANTOS, Douglas Pereira dos. A dinâmica da vida e o vestir-se: reflexões segundo a contribuição da Ontopsicologia. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Restinga Sêca, v. 4, n. 5, p. 93-99, jun. 2024. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/91/85>. Acesso em: 04 nov. 2024.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE).

10 características de uma empreendedora de sucesso. Brasília, DF: Sistema SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/empreendedorismofeminino/artigoempreendedorismofeminino/10-caracteristicas-de-uma-empredora-de-sucesso,042b4f9e53bd7710VgnVCM10000d701210aRCRD>. Acesso em: 09 out. 2024.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE).

Mapeamento de empresas com quadro societário predominantemente feminino: relatório técnico. Brasília, DF: Sistema SEBRAE, 2022. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Arquivos/Relat%C3%B3rio_t%C3%A9cnico__Mapeamento_de_empresas_com_quadro_so

[ci%C3%A9rio_p predominantemente_feminino.pdf](#). Acesso em: 08 out. 2024.

VIDOR, Alécio. **A ciência humana de Cristo**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.